

Mathias Enard



BÚSSOLA

Romance

Tradução de
Ana Cristina Leonardo



D. QUIXOTE



Somos dois fumadores de ópio, cada um confinado à sua nuvem sem nada vermos para além dela, sozinhos, fumamos sem nunca nos compreendermos, rostos que agonizam num espelho, somos uma imagem gelada a que o tempo dá a ilusão de movimento, um cristal de neve que desliza num novelo de orvalho cuja complexa urdidura ninguém entende, eu sou essa gota de água condensada na janela da minha sala, uma pérola líquida que se move e nada sabe do vapor que a gerou nem dos átomos que ainda a compõem, mas que em breve estarão ao serviço de outras moléculas, de outros corpos, das nuvens de chumbo que pesam sobre Viena esta noite: quem sabe em que nuca vai desabar esta água, contra que pele, sobre que passeio, em direção a que rio, e esta face indistinta no vidro é minha apenas por um instante, uma entre as milhentas configurações possíveis da ilusão – eis o Senhor Gruber que passeia o cão apesar da morrinha, leva um chapéu verde e o seu eterno impermeável; protege-se dos salpicos dos carros dando pequenos saltos ridículos no passeio: o cachorro, que pensa tratar-se de uma brincadeira, pula para o dono e leva um valente sopapo quando pousa as patas sujas no impermeável do Senhor Gruber que acaba apesar de tudo por aproximar-se da estrada para a atravessar, a sua silhueta alonga-se à luz dos candeeiros, charco escurecido no meio do mar de sombras das grandes árvores rasgadas pelos faróis na Porzellangasse, e *Herr* Gruber aparentemente hesita em mergulhar na noite do Alsergrund como

eu hesito em largar a minha contemplação das gotas de água, do termómetro e do ritmo dos elétricos que descem para Schottentor.

A existência é um reflexo doloroso, um sonho de opiómano, um poema de Rumi cantado por Shahram Nazeri, o *ostinato* do *zarb* faz vibrar ligeiramente o vidro sob os meus dedos como a pele sob a percussão, eu devia continuar a ler em vez de olhar para o Senhor Gruber a desaparecer sob a chuva, em vez de ficar de ouvido à escuta dos rodopios melismáticos do cantor iraniano cuja potência e timbre podiam fazer corar de vergonha muitos dos nossos tenores. Devia parar o disco, é impossível concentrar-me; tenho de reler este texto pela décima vez, não compreendo o seu sentido obscuro, vinte páginas, vinte páginas horríveis, impenetráveis que me chegaram precisamente hoje, hoje que um médico compassivo atribuiu um nome provável à minha doença, declarou o meu corpo oficialmente doente quase aliviado por conseguir fazê-lo – beijo mortal –, um diagnóstico aos meus sintomas, um diagnóstico que convém confirmar começando já um tratamento, diz ele, e seguir a evolução, a evolução, é aí que estamos, contemplar uma gota de água e evoluir para o desaparecimento antes de nos anularmos no Grande Todo.

O acaso não existe, tudo está ligado, diria Sarah, porque recebo precisamente hoje este artigo pelo correio, uma impressão à antiga em papel e agrafada, em vez de um PDF, em vez de um *email* a que ela teria podido acrescentar algumas notícias, explicar onde é que está, o que é esse Sarawak de onde escreve e que, segundo o meu atlas, é um Estado da Malásia situado a noroeste da ilha de Bornéu, a dois passos do Brunei e do seu sultão milionário, a dois passos também dos gamelões de Debussy e de Britten, parece-me – mas o conteúdo do artigo é bem diverso; nada de música, à parte talvez um longo canto fúnebre; vinte páginas densas que apareceram no número de setembro da *Representações*, bela revista da universidade da Califórnia onde ela já escreveu várias vezes. O artigo traz uma dedicatória breve na folha de rosto, sem comentários, *Para ti, querido Franz, um abraço apertado, Sarah*, e foi enviado a 17 de novembro, ou seja, há duas semanas – são precisas ainda duas semanas para o correio fazer o trajeto Malásia-Áustria, talvez ela tenha poupado nos selos, podia

ter juntado um postal, o que é que isto significará, espolhei todos os vestígios dela no meu apartamento, os seus artigos, dois livros, algumas fotografias e mesmo uma versão da sua tese de doutoramento, impressa e encadernada em *skivertex* vermelho, dois grossos volumes de três quilos cada:

«Na vida existem feridas que, como a lepra, corroem as almas solitárias», escreve o iraniano Sadegh Hedayat no início da sua novela *A Coruja Cega*: esse homem pequeno de óculos redondos sabia-o melhor do que ninguém. Foi uma dessas feridas que o levou a abrir a fundo o gás no seu apartamento da rua Championnet em Paris, numa noite de grande solidão, precisamente, uma noite de abril, muito longe do Irão, muito longe, tendo por única companhia alguns poemas de Khayyam e talvez uma obscura garrafa de conhaque, ou uma bolinha de ópio, ou talvez nada, nada de nada, à parte os textos que guardava ainda entre mãos e que levou consigo no grande vazio do gás.

Ignora-se se deixou alguma carta, ou algum outro sinal além da novela *A Coruja Cega* há muito terminada, e que lhe valerá, dois anos após a sua morte, a admiração de intelectuais franceses que do Irão nunca tinham lido nada: o editor José Corti publicará *A Coruja Cega* pouco depois de *A Costa das Sirtes*; Julien Gracq conhecerá o sucesso quando o gás da rua Championnet acaba de fazer efeito, no ano de 1951, e dirá que *A Costa* é o romance de «todas as nobres podridões», as mesmas que tinham acabado de derrubar Hedayat por intermédio do éter do vinho e do gás. André Breton tomará o partido dos dois homens e dos seus livros, demasiado tarde para salvar Hedayat das suas feridas, se é que ele podia ter sido salvo, se, muito provavelmente, o seu mal não fosse incurável.

O pequeno homem de lentes grossas e redondas vivia no exílio como vivera no Irão, calmo, discreto, falando baixo. A sua ironia e a sua impiedosa tristeza valeram-lhe a censura, a menos que o tenham censurado pela sua admiração por loucos e bêbedos, talvez até pela sua admiração por certos livros e certos poetas; talvez o censurassem porque, enquanto troçava dos drogados, experimen-

tava ele próprio o ópio e a cocaína; talvez porque bebia sozinho, ou se obstinava em nada esperar de Deus, nem mesmo nas grandes noites solitárias em que o gás o convocava; talvez porque era miserável ou porque acreditava sensatamente no valor dos seus escritos, ou porque não acreditava, tudo coisas que incomodam.

Seja como for, o facto é que na rua Championnet nenhuma placa assinala a sua passagem, nem a sua partida; no Irão nenhum monumento o recorda, apesar do peso histórico que o torna incontornável, e do peso da sua morte que pesa ainda sobre os seus compatriotas. A sua obra vive hoje em Teerão assim como ele morreu, na miséria e na clandestinidade, nas bancas dos mercados em segunda mão ou em reedições truncadas, expurgadas de todas as alusões que possam precipitar o leitor na droga ou no suicídio, para preservação da juventude iraniana contaminada pelos males do desespero, do suicídio e da droga e que, quando pode, se atira com deleite aos livros de Hedayat, e este, assim celebrado e mal lido, junta-se aos grandes nomes que o rodeiam no Père-Lachaise, a dois passos de Proust, tão sóbrio na eternidade como o foi em vida, igualmente discreto, sem flores espalhafatosas e recebendo poucas visitas, desde esse dia de abril de 1951 em que escolheu o gás e a rua Championnet para pôr fim a tantas coisas, corroído por uma lepra da alma, imperiosa e incurável. «Ninguém toma a decisão de se suicidar; o suicídio pertence a certos homens, está na sua natureza», Hedayat escreve estas linhas no fim dos anos de 1920. Escreve-as antes de ler e traduzir Kafka, antes de apresentar Khayyam. A sua obra inicia-se pelo fim. A primeira recolha que publica começa com *Enterrado Vivo*, *Zendé bé gour*, o suicídio e a destruição, e descreve com clareza, supomo-lo, os pensamentos finais do homem que se entregará ao gás vinte anos mais tarde, deixando-se docemente adormecer após ter tido o cuidado de destruir os seus papéis e as suas notas, na minúscula cozinha invadida pelo perfume insuportável da primavera que chega. Destruíu os seus manuscritos, porventura mais corajoso do que Kafka, talvez porque não há nenhum Max Brod à mão, talvez porque não confia em ninguém ou está tão-só convencido de que chegou a hora de

desaparecer. E enquanto Kafka se vai tossindo, corrigindo até ao último minuto os textos que pretende queimar, Hedayat parte para a lenta agonia do sono pesado com a sua morte escrita vinte anos antes, a vida desde sempre marcada pelas chagas e pelas feridas da lepra que o corroía na solidão e que adivinhamos estar ligada ao Irão, ao Oriente, à Europa e ao Ocidente, à semelhança de Kafka que residia em Praga sendo ao mesmo tempo alemão, judeu e checo sem ser nenhum deles, mais perdido do que todos ou mais livre do que todos. Hedayat transportava consigo uma dessas chagas do eu que nos abala o mundo e que alastra até se transformar numa brecha; existe nisso, como no ópio, no álcool, em tudo o que nos divide em dois, não uma doença, mas uma decisão, uma vontade de dividir o próprio ser até às últimas consequências.

Se começamos este trabalho por Hedayat e a sua *Coruja Cega*, é porque nos propomos explorar a fissura, espreitar a frecha, aprofundar a bebedeira daquelas e daqueles que tropeçaram demasiadas vezes na alteridade; vamos dar a mão ao pequeno homem e descer a observar as feridas que corroem, as drogas, os alhures, e explorar esse «entre-dois», esse *barzakh*, o mundo entre mundos onde se despenham artistas e viajantes.

Trata-se, sem dúvida, de um prólogo surpreendente. Quinze anos depois, estas primeiras linhas continuam desconcertantes – deve ser tarde, apesar do *zarb* e da voz de Nazeri, os meus olhos fecham-se sobre o velho manuscrito batido à máquina. Sarah estava furiosa no momento da defesa da tese, a que tinham criticado o tom «romântico» do preâmbulo e o paralelo «absolutamente fora de contexto» com Gracq e Kafka. Morgan, o seu orientador, tentou, contudo, defendê-la, de um modo aliás bastante ingénuo, dizendo que «era sempre de bom tom falar de Kafka», o que fez suspirar o agastado júri de orientistas e de mandarins ensonados que só o ódio que sentiam uns pelos outros conseguia remover ao sono doutrinal: esqueceram, aliás, muito depressa a introdução inusitada de Sarah para se pegarem a propósito de questões de metodologia, isto é, não viam em que medida a *deambulação* (o velho cuspiu essa palavra

como um insulto) podia ter alguma coisa de científico, mesmo se conduzida pela mão de Sadegh Hedayat. Eu encontrava-me de passagem por Paris, contente por ter a oportunidade de assistir pela primeira vez a uma defesa de tese «na Sorbonne» e, claro, por ser a dela. Porém, uma vez passados a surpresa e o gozo de descobrir o estado de degradação em que se encontravam os corredores, a sala e o júri, relegado para as profundezas de sabe Deus que departamento, perdido no labirinto do saber em que cinco sumidades iriam, uma após a outra, fazer prova do seu pouco interesse pelo texto de que era presumido falar-se, enquanto despendiam esforços sobre-humanos – como eu, na assistência – para não adormecerem, o exercício encheu-me de pesar e melancolia e, na altura em que abandonávamos o local (uma sala de aulas sem fausto, carteiras de aglomerado lascadas e rachadas, que não abrigavam sabedoria mas grafitis divertidos e restos de pastilhas elásticas coladas), para deixar o júri deliberar, fui tomado por um desejo enorme de dar às de vila-diogo, descer o boulevard Saint-Michel e caminhar até à beira de água para não me cruzar com Sarah e ela não adivinhar as minhas impressões sobre a famosa defesa de tese que tão importante devia ser para si. Contava-se uma trintena de pessoas na assistência, ou seja, uma multidão para o corredor minúsculo onde nos encontrávamos apinhados; Sarah saiu ao mesmo tempo do que a plateia, falava a uma senhora mais velha e muito elegante que eu sabia ser a mãe, e a um homem novo que se parecia tremendamente com ela, o irmão. Era impossível avançar para a saída sem passar por eles, dei meia-volta e pus-me a apreciar os retratos orientalistas que decoravam o corredor, velhas gravuras desbotadas e placas comemorativas de uma época faustosa e ultrapassada. Sarah conversava, tinha um ar exausto embora não abatido; no fogo do combate científico, tomando notas para preparar as suas réplicas, talvez tenha tido uma sensação completamente diferente da da assistência. Avistou-me e acenou-me com a mão. Eu tinha vindo sobretudo para acompanhá-la naquela ocasião, mas também para me preparar, nem que fosse imaginariamente, para a defesa da minha própria tese – aquilo a que acabara de assistir não era de índole a sossegar-me. Enganava-me:

após alguns minutos para as deliberações, quando fomos de novo admitidos na sala, Sarah obteve a nota mais alta; o famoso presidente inimigo da «deambulação» felicitou-a calorosamente pelo trabalho e hoje, ao reler este início, tenho de admitir que havia qualquer coisa de forte e de inovador naquelas quatrocentas páginas sobre imagens e representações do Oriente, não-lugares, utopias, fantasmas ideológicos, onde se tinham perdido muitos dos que haviam querido percorrê-lo: os corpos dos artistas, poetas e viajantes que tinham tentado explorá-lo, empurrados pouco a pouco para o aniquilamento; como dizia Hedayat, a ilusão corroía a alma na sua solidão – aquilo a que durante muito tempo se chamou loucura, depressão, melancolia, tratava-se muitas vezes, em consequência do contacto com a alteridade, do afundamento do eu no ato da criação, e mesmo que isso me pareça hoje um pouco temerário, numa palavra, romântico, sem dúvida que existia já na tese de Sarah uma verdadeira intuição a partir da qual ela construiria todo o seu trabalho posterior.

Uma vez anunciado o veredito, e muito contente por ela, fui felicitá-la. Abraçou-me calorosamente enquanto me perguntava, mas que fazes tu aqui, respondi-lhe que um feliz acaso me havia trazido a Paris naquela altura, uma mentira inócua, e ela convidou-me para que me juntasse aos seus amigos mais chegados para a habitual taça de champanhe, o que aceitei; reunimo-nos no primeiro andar de um café do bairro, onde era hábito celebrar-se aquele género de acontecimentos. Sarah ganhara de repente um ar abatido, parecendo nadar no seu saia-casaco cinzento; as suas formas haviam sido engolidas pela Academia, o corpo revelava as marcas do esforço despendido ao longo das semanas e meses anteriores: os últimos quatro anos tinham conduzido àquele momento, não tinham outro sentido senão por aquele momento, e, agora que o champanhe corria, Sarah expressava o sorriso meigo de uma mãe que acaba de dar à luz – as olheiras fundas levavam-me a supor que teria passado a noite a rever a dissertação, demasiado excitada para conseguir adormecer. Gilbert de Morgan, o seu orientador de tese, estava, evidentemente, lá; eu já me tinha cruzado com ele em Damasco. Morgan

não escondia a paixão pela protegida, envolvia-a num olhar paternal que tendia lentamente para o incesto à medida das taças de champanhe que ia consumindo; à terceira, apoiado sozinho numa mesa alta, o olhar iluminado e as faces vermelhas, surpreendi-lhe os olhos que erravam dos tornozelos até à cintura de Sarah, de cima abaixo e de baixo acima – largou um pequeno arrotó melancólico e esvaziou o quarto copo. Ao notar que o observava, disparou um olhar enfurecido antes de me reconhecer e sorrir, já nos encontrámos, não foi? Reavivei-lhe a memória, sim, sou Franz Ritter, encontrámo-nos em Damasco com Sarah – ah, claro, o músico, e eu já estava de tal maneira habituado ao mal-entendido que me limitei a responder-lhe com um sorriso um pouco pateta. Não tinha ainda trocado mais de duas palavras com a doutoranda, solicitada por todos os amigos e familiares, e encontrava-me encurralado na companhia daquele grande erudito que toda a gente, fora da sala de aulas ou de uma reunião de departamento, desejava ardentemente evitar. Fazia-me perguntas de circunstância sobre a minha própria carreira universitária, perguntas às quais eu não sabia responder e que preferia nem sequer colocar a mim próprio; apesar de tudo, parecia estar em forma, emproado, como dizem os franceses, para não dizer indelicado ou despropositado, e eu estava longe de imaginar que o voltaria a encontrar daí a alguns meses em Teerão, em circunstâncias e estado bem diferentes, sempre na companhia de Sarah que, por agora, mantinha uma grande conversa com Nadim – este acabava de chegar, ela devia estar a explicar-lhe os quês e os porquês da apresentação, ignoro porque é que não tinha assistido; Nadim estava também muito elegante, numa bela camisa branca de colarinhos redondos que lhe aclarava a tez escura, a barba preta curta; Sarah segurava-lhe as duas mãos como se se preparassem para começar a dançar. Despedi-me do professor e fui ao encontro deles; Nadim deu-me de imediato um fraternal abraço que me fez regressar por instantes a Damasco, a Alepo, ao alaúde de Nadim durante a noite a embriagar as estrelas do céu metálico da Síria, tão longe, tão longe, agora não mais rasgado por cometas, mas por mísseis, obuses, gritos e guerra – era impossível imaginar em 1999, com uma taça de

champanhe na mão em Paris, que a Síria ia ser devastada pela mais terrível violência, que o bazar de Aleppo ia desaparecer sob o fogo, ruir o minarete da mesquita dos Omíadas, tantos amigos mortos ou obrigados ao exílio; impossível ainda hoje imaginar, a partir de um apartamento vienense confortável e silencioso, a amplitude dos estragos, a envergadura de tal dor.

Olha, o disco chegou ao fim. Que força, este trecho de Nazeri. Que simplicidade mágica, mística, a arquitetura da percussão sustém o pulsar lento do canto, o ritmo longínquo que culmina no êxtase, um *zīkr* hipnótico que se cola ao ouvido e nos acompanha durante horas. Hoje em dia Nadim é um tocador de alaúde internacionalmente reconhecido, o casamento dele deu grande brado na pequena comunidade de estrangeiros de Damasco, tão imprevisível, tão repentino que se tornou suspeito aos olhos de muitos e sobretudo da embaixada da França na Síria – uma das habituais e incontáveis surpresas de Sarah, sendo a mais recente este artigo particularmente pungente sobre Sarawak; pouco depois da chegada de Nadim disse-lhe adeus, Sarah agradeceu-me imenso que tivesse vindo, perguntou-me se ficava alguns dias em Paris, se tínhamos tempo para nos rever, respondi que regressava à Áustria logo no dia seguinte; saudei respeitosamente o universitário já completamente prostrado sobre a mesa e parti.

Saí do café e retomei o meu passeio parisiense. Fartei-me de matutar, enquanto os meus pés se arrastavam pelas folhas mortas dos cais do Sena, nos verdadeiros motivos que me tinham levado a gastar o meu tempo numa defesa de tese e nos copos que se lhe tinham seguido, e entrevi, em Paris, no halo de luz envolvente que abraçava fraternalmete as pontes arrancando-as ao nevoeiro, o instante de uma trajetória, de uma deambulação cujo objetivo e sentido me apareceriam talvez apenas *a posteriori*, passando evidentemente por aqui, por Viena onde o Senhor Gruber acaba de voltar do passeio com o seu cão fedorento: passos pesados na escada, o cão a latir, depois, por cima de mim, no meu teto, correrias e raspadelas. O Senhor Gruber nunca soube ser discreto e, contudo, é o primeiro a queixar-se dos meus discos, Schubert ainda passa, diz ele, mas

essas velhas óperas e as músicas, hum, exóticas, não são forçosamente do agrado de toda a gente, percebe o que quero dizer. Compreendo que a música o incomode, Senhor Gruber, o que me deixa inconsolável. Já agora, faço questão de lhe assinalar que, durante a sua ausência, levei a cabo todo o tipo de experiências possíveis e imagináveis com a audição do seu cão: descobri que só Bruckner (e, ainda assim, a níveis sonoros que roçam o inaceitável) acalma as suas raspadelas no soalho e consegue fazer calar os seus latidos sobreagudos, dos quais, aliás, o prédio inteiro se queixa, experiências que me proponho desenvolver num artigo científico de musicoterapia veterinária que me valerá decerto os elogios dos meus pares, «Efeito dos metais no humor canino: desenvolvimentos e perspectivas.»

Existe a possibilidade de eu próprio estar cansado, Gruber, porque bem depressa lhe daria com uma rajada de *tombak*, de música exótica, a si e ao cão. Esta manhã, farto da longa jornada de recordações que apenas visa – porquê tentar escondê-lo – escapar à perspectiva da doença, ao voltar do hospital abri a caixa do correio, pensei que o envelope acolchoado continha os famosos resultados dos exames médicos de que o laboratório tinha ficado de enviar-me uma cópia: antes que o carimbo dos correios me desenganasse, hesitei longos minutos até o abrir. Julgava que Sarah se encontrava algures entre Darjeeling e Calcutá e eis que ela me surge numa selva verdejante do norte da ilha de Bornéu, numa das ex-possessões britânicas dessa ilha bojuda. O tema hediondo do artigo, o estilo austero, tão diferente do seu lirismo habitual, é assustador; há várias semanas que não trocamos correspondência e é precisamente no momento em que atravesso o período mais difícil da minha vida que ela reaparece deste modo singular – passei o dia na sua companhia, a reler os seus textos, o que me permitiu não pensar e me fez sair de mim, e embora tenha prometido a mim próprio começar a corrigir o trabalho de uma aluna, é chegado o tempo de dormir, acho que vou esperar por amanhã de manhã para mergulhar nas considerações de *O Oriente nas óperas vienenses de Gluck*, o cansaço fecha-me os olhos e tenho de abandonar a leitura e ir para a cama.

A última vez que vi Sarah, ela passava três dias em Viena por uma razão qualquer académica. (Propus-lhe, claro, que se alojasse aqui, mas recusou, a pretexto de que a organização que a convidava a brindara com um magnífico hotel vienense que ela não pretendia trocar pelo meu canapé *desengonçado*, o que me reduziu, reconhecemo-lo, à condição de um cão batido.) Estava em excelente forma e marcou encontro comigo num café do 1.º bairro, num desses estabelecimentos sumptuosos a que a afluência dos turistas, senhores e donos do local, confere o ar decadente que lhe agrada. Depressa insistiu, apesar da chuva miudinha, para que dessemos um passeio, coisa que me desagradou, eu não tinha qualquer vontade de veranear durante uma tarde de outono húmida e fria, mas ela transbordava de energia e acabou por me convencer. Queria apanhar o elétrico D e seguir até à última paragem em Nussdorf, lá no alto, e depois andar um pouco pela Beethovengang; retorquiu-lhe que caminharíamos sobretudo pelo meio do nevoeiro, que mais valia ficar pelo bairro – flanámos pela Graben até à catedral, contei-lhe duas ou três historietas sobre as canções brejeiras de Mozart que a fizeram rir.

– Sabes, Franz, disse-me quando passávamos junto às filas das charretes da Praça de Santo Estevão, há qualquer coisa deveras interessante naqueles que pensam em Viena como a porta do Oriente, o que por sua vez me fez rir.

– Não, não, não te rias, penso que vou escrever sobre isso, sobre as representações de Viena como *Porta Orientis*.

Os cavalos tinham as narinas fumegantes do frio e defecavam tranquilamente nos sacos em pele pendurados sob as caudas para que não sujassem as muito nobres calçadas vienenses.

– A meu ver, não, respondi. A fórmula de Hofmannsthal, «Viena, porta do Oriente!», parece-me muito ideológica, ligada ao *desejo* de Hofmannsthal de que o império ocupasse um determinado lugar na Europa. A frase é de 1917... Claro que existem os *čevapčići* e a paprica, mas, de resto, Viena já não é a cidade de Schubert, de Richard Strauss, de Schönberg, não há nada de muito oriental a registar, na minha opinião. E mesmo enquanto representação, exceto a lua crescente,

tenho dificuldade em distinguir no imaginário vienense o que quer que seja que invoque, nem que seja só um pouco, o Oriente.

É um lugar-comum. Havia-lhe pespegado com o meu desprezo por uma ideia tão repisada que já não fazia qualquer sentido:

– Não é por termos tido duas vezes os otomanos à porta que nos tornámos na porta do Oriente.

– A questão não é essa, a questão não reside na veracidade da ideia, o que me interessa é compreender o porquê e o como de tantos viajantes terem visto em Viena e em Budapeste as primeiras cidades «orientais», e o que é que isso nos poderá dizer sobre o sentido que os próprios atribuem a tal palavra. E se Viena é a *porta* do Oriente, abre-se para qual Oriente?

Confesso que refletindo também eu nessa busca, na interminável, infinita busca do sentido do Oriente, duvidei das minhas certezas; voltando a pensar nisso agora, talvez houvesse no cosmopolitismo da Viena imperial qualquer coisa de Istambul, alguma coisa do *Öster Reich*, de império de leste, mas que hoje me parece longe, muito longe. Há já bastante tempo que Viena não é a capital dos Balcãs e os otomanos já não existem. O império dos Habsburgo foi, é verdade, o império do Meio, e com a respiração calma que precede o adormecimento, escutando os carros deslizarem no pavimento molhado, a almofada ainda deliciosamente fresca contra a minha face, a sombra do batimento do *zarb* ainda no ouvido, devo reconhecer que, de facto, Sarah conhecia melhor Viena do que eu, com maior profundidade, sem se ficar por Schubert ou Mahler, como acontece muitas vezes os estrangeiros conhecerem melhor uma cidade do que os seus próprios habitantes, imersos na rotina – ela arrastara-me há muito tempo, antes da nossa partida para Teerão, antes de eu me ter instalado aqui, arrastara-me até ao Josephinum, o antigo hospital militar onde se encontra instalado um dos mais macabros museus: a exposição de modelos anatómicos do fim do século XVIII concebidos para aperfeiçoamento e aprendizagem dos cirurgiões do exército, sem que estes tivessem de depender dos cadáveres ou do seu cheiro – figuras de cera encomendadas em Florença num dos maiores ateliês de escultura; entre os modelos expostos nas

vitruvas construídas em madeira preciosa encontrava-se, sobre uma almofada rosada desbotada pelo tempo, uma jovem mulher loura de traços finos, estendida com o rosto virado de lado, a nuca um pouco fletida, os cabelos soltos, um diadema de ouro na testa, os lábios ligeiramente entreabertos, duas fileiras de belas pérolas à volta do pescoço, um joelho semidobrado, olhos abertos numa pose um tanto inexpressiva mas que, se observássemos o tempo suficiente, sugeriam abandono ou pelo menos passividade: inteiramente despida, o púbis mais escuro do que os cabelos, e levemente carnudo, ela era de uma grande beleza. Aberta como um livro desde o peito até à vagina, podíamos observar-lhe o coração, os pulmões, o fígado, os intestinos, o útero, as veias, como se ela tivesse sido cuidadosamente retalhada por um criminoso sexual de prodigiosa habilidade que lhe lancetara o tórax, o abdómen, deixando à vista o interior de uma caixa de costura, de um relógio, de um autómato. Os longos cabelos espalhados pela almofada, o olhar calmo, as mãos semirrecolhidas sugeriam até que ela poderia ter tido prazer nisso, e o conjunto, na sua montra de vidro com estrutura em mogno, provocava simultaneamente desejo e medo, fascínio e repulsa; eu imaginava, cerca de dois séculos antes, os jovens aprendizes de medicina descobrindo aquele corpo de cera, porquê pensar em tais coisas antes de dormir, melhor seria imaginar um beijo materno na nossa frente, o gesto de ternura que aguardamos no escuro da noite e que nunca chega, em vez de manequins anatómicos rasgados da clavícula até ao baixo-ventre – o que pensariam os imberbes médicos quando confrontados com aquele simulacro nu, conseguiriam eles concentrar-se no sistema digestivo ou respiratório, quando a primeira mulher que viam assim, sem roupas, do alto dos talões dos seus vinte anos, era uma loura elegante, falsa morta a que o escultor se esforçara por dar a aparência de viva, todo o talento do artista posto na dobra do joelho, no volume das coxas, na expressão das mãos, no realismo do sexo, nas nervuras de sangue do baço amarelado, no vermelho-escuro e alveolar dos pulmões. Sarah ficara extasiada perante tal perversão, olha os cabelos dela, é incrível, dizia ela, estão sabiamente dispostos para sugerir desinibição, amor, e eu

imaginava um anfiteatro cheio de cirurgiões militares lançando ohs de admiração enquanto um ríspido professor de bigodes, de ponteiro na mão, destapava a modelo para enumerar os órgãos um a um, dando pancadinhas com ar entendido no ponto alto do espetáculo: o minúsculo feto contido no útero rosado, a alguns centímetros da púbis de pelos louros, evanescentes, delicados, de uma fineza que se imaginava ser reflexo de uma doçura terrível e proibida. Foi Sarah quem mo fez notar, olha, é uma loucura, ela está grávida, e eu perguntei a mim próprio se a gravidez de cera seria um capricho do artista ou uma exigência do cliente, mostrar o eterno feminino com todas as suas suturas, todas as suas possibilidades; aquele feto, uma vez descoberto, acima do tufo claro, aumentava ainda mais a tensão sexual que se desprendia do conjunto, e uma enorme culpabilidade me estreitava por ter encontrado beleza na morte, uma centelha de desejo num corpo tão perfeitamente decepado – era impossível não imaginarmos o instante da concepção daquele embrião, um tempo perdido na cera, e perguntarmo-nos que homem, de carne ou de resina, teria penetrado aquelas entranhas tão perfeitas para as fecundar, desviando imeditamente a cabeça a tal pensamento: Sarah sempre me achou pudico e ria-se do meu embaraço, sem dúvida porque lhe era impossível perceber que não era a cena em si que me levava a desviar o olhar, antes a que se desenhava no meu espírito, na verdade muito mais perturbadora – eu, ou alguém parecido comigo, a penetrar a morta-viva.

O resto da exposição era igualmente gracioso: um esfolado vivo repousava tranquilamente, um dos joelhos fletido como se nada fosse, apesar de não ter sequer um centímetro quadrado de pele, mais outro, que servia para mostrar toda a complexidade colorida da circulação sanguínea; pés, mãos, órgãos diversos apresentavam-se guardados em frascos de vidro, pormenores de ossos, articulações, nervos, enfim, todos os mistérios, grandes e pequenos, que o corpo abriga, e, evidentemente, era esta a altura adequada para me pôr a pensar nisto, esta tarde, esta noite, logo hoje, depois de ter lido de manhã o horrível artigo de Sarah, ter recebido a notícia da minha doença e aguardar o raio do resultado das análises, pensemos

noutra coisa, o homem que procura dormir volta-se na cama e é um novo recomeço, uma nova tentativa, respiremos profundamente.

Um elétrico chocalha sob a minha janela, mais um que desce a Porzellangasse. Os elétricos que sobem são mais silenciosos, ou talvez, simplesmente, haja menos: quem sabe. É possível que a municipalidade aposte em conduzir os consumidores ao centro, sem se preocupar depois com o seu regresso a casa. Há qualquer coisa de musical neste sacolejar, qualquer coisa do *Caminho de Ferro* de Alkan numa versão mais lenta, Charles Valentin Alkan, mestre esquecido do piano, amigo de Chopin, de Liszt, de Heinrich Heine e de Victor Hugo, de quem se diz que morreu esmagado pela sua biblioteca ao retirar o Talmude de uma estante – li recentemente que isso provavelmente era falso, mais uma lenda a propósito do lendário compositor, tão brilhante que foi esquecido durante mais de um século, parece que morreu esmagado por um bengaleiro ou por uma pesada prateleira onde arrumava os chapéus, *a priori* o Talmude não teve nada a ver. De qualquer maneira, o seu *Caminho de Ferro* para piano é de um absoluto virtuosismo, ouve-se o vapor, o ranger dos primeiros comboios; a mão direita faz galopar a locomotiva e as bielas giram sob a esquerda, o que, caramba, transmite uma impressão de desmultiplicação do movimento muito estranha e, do meu ponto de vista, difícilimo de tocar – *kitsch*, teria respingado Sarah, muito *kitsch* essa história do comboio, e não estaria completamente equivocada, é verdade que as composições programáticas «imitativas» têm qualquer coisa de obsoleto, contudo, talvez haja aí material para um artigo «Sons de Comboios: O Caminho de Ferro na Música Francesa», acrescentado a Alkan a *Pacific 231* de Arthur Honegger, os *Essais de locomotives* de Florent Schmitt, o orientalista, e mesmo o *Chant des chemins de fer* de Berlioz; eu próprio poderia compor uma pequena peça, *Elétricos de Porcelana* para campainhas, *zarb* e taças tibetanas. É muito possível que Sarah ache isto o máximo do *kitsch*. Será que ela acharia igualmente *kitsch* se eu me inspirasse no movimento de uma roca, no galope de um cavalo ou no chapinhar de uma barca, certamente que não. Creio recordar-me que ela apreciava, como eu, os *Lieder* de Schubert, seja como for falávamos

deles muitas vezes. O madrigalesco é definitivamente uma grande questão. Encostado à frescura da almofada, do algodão, à suavidade das penas, não consigo tirar Sarah da cabeça, porque me arrastou ela para aquele incrível museu de cera, não consigo lembrar-me – em que é que ela trabalhava nessa altura, na altura em que me instalei aqui, imaginando-me Bruno Walter, cem anos antes, a ser chamado para assistir a Mahler, o Grande, na Ópera de Viena: tendo regressado vitorioso de uma campanha no Oriente, em Damasco, precisamente, eu fora indicado para assistente do meu orientador na universidade e encontrei quase de imediato este apartamento a dois passos do magnífico campus onde ia dar aulas, um apartamento pequeno, é verdade, mas agradável apesar das correrias do animal de *Herr* Gruber, cujo sofá-cama, diga Sarah o que disser, é bastante estimulável; a prova: quando ela veio a Viena pela primeira vez, por altura da estranha visita ao museu das belas retalhadas, dormiu nele uma semana sem se queixar. Encantada por ver Viena, encantada por eu lhe mostrar Viena, dizia ela, apesar de ser ela quem me arrastava para os locais mais inusitados da cidade. Claro que a levei à casa de Schubert e às numerosas moradas de Beethoven; claro que paguei (sem lho confessar, mentindo-lhe sobre o preço) uma fortuna para que pudéssemos ir à ópera – o *Simon Boccanegra* de Verdi cheio de espadas e entusiasmo na encenação de Peter Stein, o Grande, e Sarah saiu encantada, de boca aberta, extasiada com o local, a orquestra, os cantores, o espetáculo, e sabe Deus como a ópera pode ser *kitsch*, mas ela havia-se rendido a Verdi e à música, não sem me fazer notar, como era hábito nela, uma coincidência divertida: Viste que a personagem mais manipulada ao longo de toda a ópera se chama Adorno? Aquele que julga ter razão, o que se revolta, se engana, mas acaba por ser proclamado Doge? Não deixa de ser uma loucura. Sarah era incapaz de deixar de estar alerta, mesmo na Ópera. O que fizemos a seguir, sem dúvida apanhámos um táxi para irmos jantar num *Heuriger* e aproveitar a temperatura excepcionalmente agradável da primavera, quando as colinas vienenses cheiram a grelhados, a verde e a borboletas, eis o que me faria bem, um pouco do sol de junho em vez deste outono interminável, desta chuva sem fim a bater à

minha janela – esqueci-me de fechar os estores, que idiota, cheio de pressa em deitar-me e fechar a luz, vou ter de me levantar de novo, não, não agora que estou num *Heuriger* sob uma trepadeira a beber vinho branco com Sarah, talvez a recordar Istambul, a Síria, o deserto, quem sabe, ou a falar de Viena e de música, de budismo tibetano, da estadia no Irão que se anunciava. As noites de Grinzing após as noites de Palmira, o *Grüner Veltliner* após o vinho libanês, a frescura de um final de tarde primaveril após as noitadas sufocantes de Damasco. Uma tensão um pouco constrangedora. Será que Sarah já dissertara nessa altura sobre Viena enquanto *porta do Oriente*, eu tinha-me sentido chocado ao ouvi-la criticar violentamente o *Danúbio* de Claudio Magris, um dos meus livros preferidos: Magris é um habsburguense nostálgico, dizia ela, o *Danúbio* dele é terrivelmente injusto para com os Balcãs; quanto mais mergulha neles, menos informação nos oferece. Os primeiros mil quilómetros do curso do rio ocupam mais de dois terços do livro; consagra apenas uma centena de páginas aos restantes mil e oitocentos: a partir do momento em que sai de Budapeste, não tem praticamente mais nada a dizer, transmitindo a impressão (contrariamente ao que anuncia nas páginas introdutórias) que todo o Sudeste da Europa é muito menos interessante, que nada de relevante se construiu ou esteve aí em jogo. É uma visão terrivelmente «austrocêntrica» da geografia cultural, uma negação quase absoluta da identidade dos Balcãs, da Bulgária, da Moldávia, da Roménia e, sobretudo, da sua herança otomana.

Ao nosso lado, uma mesa de japoneses devorava escalopes vieneses de um tamanho descomunal que pendiam dos dois lados do prato, apesar destes serem desmesuradamente grandes, orelhas de urso de peluche gigante.

Sarah entusiasmava-se a falar, os olhos tinham ganho um tom sombrio, o canto dos lábios tremia-lhe um pouco; não pude deixar de contrariá-la:

– Tenho muita pena, mas não te acompanho; o livro de Magris é de um conhecedor, um livro poético, por vezes até divertido, trata-se de um passeio, um passeio erudito e subjetivo, que mal há nisso,

é verdade que Magris é especialista da Áustria, escreveu uma tese sobre a visão do império na literatura austríaca do século XIX, mas que queres, não me consegues convencer que *Danúbio* não é um grande livro, além disso um sucesso mundial.

– Magris é como tu, um nostálgico. Um triestino melancólico com saudades do império.

Exagerava, claro, ajudada pelo vinho, subia a parada, falava cada vez mais alto, a ponto de os nossos vizinhos japoneses olharem por vezes para nós; eu começava a sentir-me algo envergonhado – além do mais, só a ideia de um austrocentrismo no final do século XX me parecia totalmente ridícula, completamente risível, Sarah tinha-me humilhado com a palavra nostálgico.

– O Danúbio é o rio que liga o catolicismo, os ortodoxos e o islão, acrescentou ela. É isso que é importante: é mais do que um traço de união, é... É... Um meio de transporte. A possibilidade de uma passagem.

Olhei-a, parecia ter-se acalmado completamente. A sua mão estava pousada na mesa, perto da minha. À nossa volta, no jardim viçoso do restaurante, por entre os pés das vinhas e os troncos dos pinheiros negros, corriam empregadas de aventais bordados carregando tabuleiros pejados de jarros que se entornavam ligeiramente à medida dos passos das raparigas no cascalho, o vinho branco acabado de tirar do barril, lúbrico e espumoso. Tinha vontade de recordar a Síria e dava por mim a dissertar sobre o *Danúbio* de Magris. Sarah.

– Esqueces o judaísmo, disse eu.

Ela sorriu-me, surpreendida; o seu olhar iluminou-se por um instante,

– Sim, claro, o judaísmo também.

Foi antes ou depois que ela me levou ao Museu Judaico da Dorotheergasse, já não sei, mas ficou revoltada, absolutamente chocada, com a «indigência» do museu – chegou mesmo a redigir um irónico *Comentário anexo ao guia oficial do Museu Judaico de Viena*, na verdade, um comentário hilariante. Eu devia voltar lá um dia destes, ver se as coisas mudaram; na altura a visita era organizada

por andares, primeiro as exposições temporárias; depois as coleções permanentes. O percurso *holográfico* das personalidades judaicas eminentes da capital havia parecido a Sarah de uma vulgaridade sem nome, hologramas de uma comunidade desaparecida, de fantasmas, que horrível redundância, para não falar da fealdade das imagens. Era apenas o início da indignação. O último andar provocou-lhe literalmente um ataque de riso, um riso que se foi pouco a pouco turvando e transformando numa raiva triste: dezenas de vitrinas a transbordar de todo o género de objetos, centenas de taças, candelabros, tefilins, xailes, milhares de *judaica* amontoados sem qualquer tipo de ordem, com um resumo e aterradora descrição: *artigos espoliados entre 1938 e 1945, cujos proprietários nunca foram identificados*, ou qualquer coisa assim, saques de guerra encontrados entre os escombros do Terceiro Reich e amontoados sob o teto do Museu Judaico de Viena como no celeiro de um antepassado pouco dado à arrumação, pilhas de objetos acumulados, um monte de velharias de um antiquário sem escrúpulos. E não se pode duvidar, dizia Sarah, que tudo foi feito com a melhor das intenções, antes que o pó cobrisse isto tudo e o sentido deste arsenal de coisas se perdesse totalmente para dar lugar a um *cafarnaum* que é o nome de uma cidade da Galileia, não esqueças, dizia ela. Ela alternava entre o riso e a raiva: mas qual imagem da comunidade judaica, qual imagem, a sério, imagina as crianças das escolas que visitam o museu, vão imaginar que os judeus desaparecidos eram colecionadores de castiçais, e tinha razão, a exposição era deprimente e fazia-me sentir um pouco culpado.

A questão que obcecava Sarah, após a nossa visita ao Museu Judaico, era a da alteridade, de que modo aquela exposição, ao pretender apresentar a cultura material de uma civilização brilhante e desaparecida, eludia a questão da diferença, centrando-se em «personalidades eminentes» que enfatizavam o «mesmo», e numa acumulação de objetos destituídos de sentido que «neutralizava», dizia ela, as diferenças religiosas, culturais, sociais e mesmo linguísticas. Aquilo lembrava o amontoado de escaravelhos fetiche das vitrinas em madeira do Museu do Cairo, ou as centenas de pontas e flechas

em osso de qualquer museu da pré-história, dizia ela. Os objetos preenchem o vazio.

Estava, pois, tranquilamente instalado num *Heuriger* a desfrutar de uma magnífica noite de primavera e agora tenho Mahler e os seus *Kindertotenlieder* na cabeça, cantos de crianças mortas compostos por alguém que, três anos após os ter composto, segura nos braços a sua própria filha morta em Maiernigg, na Caríntia, cantos de que só percebemos a horrível dimensão muito depois do próprio desaparecimento de Mahler em 1911: por vezes, o sentido de uma obra é atrozmente ampliado pela história, multiplicado, decuplicado pelo horror. O acaso não existe, dirá Sarah prenhe de budismo, a campa de Mahler encontra-se no cemitério de Grinzing a dois passos do famoso *Heuriger* onde, apesar da «disputa» danubiana, passámos uma tão bela noite, e os *Kindertotenlieder* são poemas de Rückert, o primeiro grande poeta alemão orientalista, com Goethe, o Oriente, sempre o Oriente.

Não existe acaso, mas ainda não fechei as cortinas e o candeeiro da esquina da Porzellan incomoda-me. Coragem; custa a quem acaba de se deitar ter de levantar-se de novo, seja por não ter despachado uma necessidade natural que o corpo de repente lhe recorda, seja por ter esquecido o despertador longe de si, falando à vontade, é uma merda ser obrigado a afastar o cobertor, tentar agarrar com a ponta dos pés as pantufas que não era suposto estarem longe, decidir que nos borrifamos nas pantufas para tão curta caminhada, dar um pulo até às cortinas, optar por um pequeno desvio rápido até à casa de banho, urinar sentado, os pés no ar evitando o contacto prolongado com os azulejos gelados, realizar o trajeto inverso o mais depressa possível, de regresso aos sonhos que nunca devíamos ter abandonado, sempre a mesma melodia na cabeça que pouso, aliviado, na almofada – em adolescente era a única música de Mahler que conseguia suportar, mais do que isso, uma das raras peças capazes de me comover até às lágrimas, o choro do oboé, um canto terrível, eu escondia essa paixão como se esconde uma tara de que nos envergonhamos, hoje em dia entristece-me ver Mahler tão aviltado, engolido pelo cinema e pela publicidade, o rosto